

Ser ou não ser um produto? Eis a questão!: por outros produtos educacionais e currículos menores pluriculturais

Franklin Kaic Dutra-Pereira¹ 

Resumo

Inspirado pela literatura menor de Deleuze e Guattari, o artigo tem como objetivo refletir sobre o papel de produtos educacionais menores nos mestrados profissionais, considerando suas potencialidades formativas e de proposições de melhoria nos/dos/com os cotidianos escolares. O produto educacional menor valoriza a especificidade e a subjetividade dos contextos educacionais, busca respeitar as realidades pluriculturais e ampliar as diferenças. Utilizando uma metodologia cartográfica, explora-se a criação de cinco produtos educacionais menores, desenvolvidos por professores/as da educação básica em dois programas de pós-graduação profissionais no Nordeste do Brasil. Esses produtos menores constroem currículos menores e defendem uma pedagogia que valoriza a diferença, o dissenso e as subjetividades, criando espaços onde conhecimentos, vivências, experiências e singularidades são legitimados e (re)considerados. Exemplos incluem os corpos *queers*, que gestam, que narram, que afro-astronauta, que musicaliza seus viveres. Em vez de seguir o modelo hegemônico, os produtos menores emergem como práticas educativas que acolhem especificidades culturais, afetivas e as diferenças, desafiando os produtos tradicionais, o currículo oficial e suas normatidades. Os resultados destacam a relevância de práticas pedagógicas que rompem com a padronização e promovem uma educação inclusiva. Conclui-se que a adoção de currículos e produtos menores pode transformar o ambiente educacional, permitindo a construção de práticas mais sensíveis às realidades, favorecendo uma formação docente comprometida com o respeito às diferenças e o pluriculturalismo.

Palavras-chave: mestrado profissional; currículo menor; produto educacional; pluralismo; produto menor.

To be or not to be a product? Here's the question!: for other educational products and pluricultural minor curricula

Abstract

Inspired by Deleuze and Guattari's "minor literature," this article aims to reflect on the role of minor educational products in professional master's programs, considering their formative potential and capacity to propose improvements within everyday school contexts. The minor educational producer values the specificity and subjectivity of educational contexts, seeking to respect the cultural realities and differences of learners. Using a cartographic methodology, the study explores the creation of five minor educational products developed by basic education teachers in two graduate programs in Northeastern Brazil. These minor products construct minor curricula and advocate for a pedagogy that values difference, dissent, and subjectivities, creating spaces where unique knowledge and experiences are legitimized and considered. Examples include queer bodies that gestate, narrate, act as Afro-astronauts, and musicalize their lives. Instead of adhering to the hegemonic model, minor products emerge as educational practices that embrace cultural, affective specificities, and differences, challenging the official curriculum and its norms. The results highlight the relevance of pedagogical practices that break with standardization and promote inclusive education. It concludes that adopting minor curricula and products can transform the educational environment, enabling the development of practices that are more sensitive to realities and fostering teacher training committed to respect for differences and pluriculturalism.

¹ Doutor em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Professor-Pesquisador da Educação/Ensino de Química na Universidade Federal da Paraíba - UFPB. João Pessoa, Paraíba, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4486-6124>. E-mail: franklin.kaic@academico.ufpb.br

Keywords: professional master's degree; minor curriculum educational product; pluralism; minor product.

¿Ser o no ser un producto? ¡Esta es la pregunta!: para otros productos educativos y currículos pluriculturales menores

Resumen

Inspirado por la “literatura menor” de Deleuze y Guattari, este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el papel de los productos educativos menores en los programas de maestría profesional, considerando su potencial formativo y su capacidad para proponer mejoras en los contextos escolares cotidianos. El productor educativo menor valora la especificidad y la subjetividad de los contextos educativos, buscando respetar las realidades culturales y las diferencias de los educandos. Utilizando una metodología cartográfica, el estudio explora la creación de cinco productos educativos menores desarrollados por docentes de educación básica en dos programas de posgrado en el noreste de Brasil. Estos productos menores construyen currículos menores y defienden una pedagogía que valora la diferencia, el disenso y las subjetividades, creando espacios donde los saberes y experiencias singulares son legitimados y considerados. Ejemplos incluyen cuerpos queer que gestan, narran, actúan como afro-astronautas y musicalizan sus vidas. En lugar de adherirse al modelo hegemónico, los productos menores surgen como prácticas educativas que acogen las especificidades culturales, afectivas y las diferencias, desafiando el currículo oficial y sus normativas. Los resultados destacan la relevancia de prácticas pedagógicas que rompen con la estandarización y promueven una educación inclusiva. Se concluye que la adopción de currículos y productos menores puede transformar el ambiente educativo, permitiendo la construcción de prácticas más sensibles a las realidades y favoreciendo una formación docente comprometida con el respeto a las diferencias y al pluriculturalismo.

Palabras clave: maestría profesional; currículo menor; producto educativo; pluralismo; producto menor.

Introdução

A formação em programas de pós-graduação profissionais no Brasil, especialmente voltados para o ensino e a educação, exige produtos educacionais que contribuam de forma prática para mudança da realidade pedagógica, particularmente no contexto da Educação Básica. Contudo, tais produtos ainda seguem, majoritariamente, concepções tradicionais de ciência e currículo, orientados por parâmetros de validação, que buscam neutralidade e universalidade, distantes das especificidades culturais e subjetivas das/os sujeitas/os educacionais.

A expressão “ser ou não ser”, presente no título do artigo, remete ao dilema existencial de Hamlet, de Shakespeare (2021), evocando questões sobre as diferenças e os propósitos que emergem em tal provocação. No entanto, esse mesmo título ganha novos contornos no artigo “Ser ou Não Ser” de Ângela Albino e Rute Pereira (2019), enquanto uma releitura do currículo, desafiando as normatividades e as bases comuns no campo educacional.



Neste artigo, “ser ou não ser” se torna uma metáfora para o questionamento da própria estrutura dos produtos educacionais e currículos dos mestrados profissionais, ao propor uma visão alternativa e minoritária que acolhe as singularidades e o dissenso, rejeitando o padrão hegemônico em favor de práticas pedagógicas que valorizam a diferença e a subjetividade.

Poderíamos enxergar [...] os mestrados profissionais como privilegiado do ponto de vista formativo, como lugar de trocas horizontalizado, se o fizéssemos com um olhar ingênuo e desvinculado das relações de poder. Isso significaria desconsiderar que a episteme aprendida no espaço acadêmico se funda no pensamento moderno, e uma de suas características é a imposição de forma proselitista, questionando possibilidades de conexão, outros modos de escrita e o que validamos como produção de conhecimento. (Oliveira, 2024, p. 222).

Considerando isso, este artigo discute o conceito de “produto educacional menor”, inspirado na ideia de “literatura menor” de Gilles Deleuze e Félix Guattari em “Kafka: por uma literatura menor” (2017), como alternativas às práticas tradicionais de produção acadêmica. A proposta tensiona e reconfigura a produção de conhecimento, defendendo currículos que valorizam a multiplicidade, a diferença e as subjetividades no espaço educacional.

A noção de “currículo menor” surge a partir de questionamentos direcionado ao currículo (Ferraço, 2017; Gurgel; Maknamara; Chaves, 2021), e relemos para os currículos do mestrado profissional, que têm voltado à reprodução de saberes normativos e padronizados, os quais tendem a ignorar conhecimentos e práticas culturais de grupos minoritários ou marginalizados. O conceito, fundamentado na filosofia da diferença de Deleuze e Guattari (2017), não implica uma simplificação do conteúdo, mas a criação de um espaço de experimentação e inovação pedagógica, onde cada sujeito possa produzir sentido para o conhecimento a partir de suas próprias experiências e contextos.

Dessa forma, um currículo menor enfatiza a multiplicidade de vozes e realidades no espaço escolar, permitindo que sujeitos/as tradicionalmente excluídas/os das narrativas oficiais vejam suas histórias e conhecimentos valorizados e incorporados nas práticas educativas. Em programas de pós-graduação profissionais, incorporar a perspectiva de um currículo menor permite propor práticas pedagógicas que respeitem as subjetividades das/os educandas/os, considerando-os/as como sujeitas/os produtoras/es de conhecimento.



A inclusão do currículo menor nos programas de formação profissional leva à reconsideração das normas que orientam a concepção e validação dos produtos educacionais. Normalmente, os produtos exigidos nesses programas, tais como materiais didáticos, guias de ensino, sequências didáticas ou plataformas digitais, obedecem a critérios de aplicabilidade e validação rigorosa, baseados em uma concepção positivista da ciência, que privilegia a objetividade e a replicabilidade.

A defesa é de que o produto educacional menor, inspirado pela ideia de currículo menor, emerge como uma proposta que valoriza a especificidade e a subjetividade dos contextos educacionais e busca respeitar as realidades culturais e as diferenças das/os sujeitas/os. Assim, o produto menor não tem como objetivo a validação universal, mas sim a inclusão e valorização de experiências singulares, sendo orientado por um compromisso ético com as diferenças, com a pluralidade e com a pluriculturalidade.

Nosso interesse nasce do reconhecimento de que, no atual contexto dos mestrados profissionais voltados para a Educação Básica, existe uma ênfase na criação de produtos educacionais que, muitas vezes, devem comprovar sua eficácia e aplicabilidade por meio de validações que seguem uma lógica predeterminada e técnica. Esse cenário traz desafios para quem deseja formular práticas pedagógicas que escapem de formatos rígidos, reconhecendo a multiplicidade e a complexidade dos contextos educacionais, sobretudo nos novos tempos (Rizzatti; Rôças, 2023).

Essa exigência de validação, em grande parte influenciada por uma visão positivista de ciência, tem levado a uma padronização dos produtos educacionais que tende a privilegiar resultados quantificáveis e objetivistas-pragmatistas-neoliberais (sobretudo de acordo com as bases curriculares comuns, conforme Albino; Rodrigues; Dutra-Pereira (2024)), o que nem sempre corresponde às experiências e à subjetividade que diferenciam o ambiente escolar. Ao aplicar um filtro que busca comprovações quantitativas – em alguns casos um questionário validativo e/ou outros modos de validá-lo –, a validação de produtos educacionais pode obscurecer as especificidades, os afetos e os encontros que emergem com os cotidianos escolares.

Portanto, o produto educacional menor propõe uma ruptura com os formatos tradicionais e padronizados de produção acadêmica e pedagógica nos mestrados profissionais em educação e ensino. Este tipo de produto educacional visa explorar práticas que fogem do modelo positivista e universalizante, valorizando, as



expressões singulares, as vozes minoritárias e as práticas cotidianas que emergem das relações e dos encontros nos espaços educativos. Esse conceito de “produto menor” se entrelaça com o de “currículo menor”, ambos posicionados contra a concepção de uma educação autoritária e normatizada. Juntos, reivindicam uma pedagogia mais aberta, inventiva, com-fabulativa e inclusiva.

O produto educacional menor surge como uma alternativa às práticas curriculares e de pesquisa que desconsideram as singularidades dos contextos educacionais e as vozes das/os sujeitas/os envolvidas/os. Diferente dos produtos educacionais convencionais, o produto educacional menor não pretende ser um modelo ou um padrão a ser seguido. Se apresenta, portanto, como um espaço de resistência, de criação e de multiplicidade (Deleuze; Guattari, 2011a). Isso significa que tais produtos não visam estabelecer verdades ou propor soluções generalizáveis, mas, ao contrário, buscam potencializar experiências únicas e modos de ser e de agir que não se enquadram nas formas dominantes.

O produto educacional menor resiste à uniformização e, por isso, enfatiza o caráter singular, experimental e relacional das práticas pedagógicas. Em vez de se posicionar como um substituto para o produto educacional validado, o “produto menor” se configura como mais uma possibilidade para pensar a prática pedagógica de modo que ela se aproxime das realidades múltiplas e heterogêneas com os cotidianos escolares. Ao integrar princípios da pedagogia da diferença, não devemos apenas transmitir conteúdos e habilidades predefinidos, mas valorizar e incluir as diversas formas de existência e as subjetividades que constituem os espaços de aprendizagem e ensinagem (Corazza, 2012; Dutra-Pereira; Tinôco, 2025).

O “menor” aqui não indica inferioridade ou desqualificados, mas uma potência que reside na capacidade de criar a partir da diferença, produzindo outros sentidos e novas formas de *serestar* no mundo (Dutra-Pereira; Tinôco, 2025; Ferraço; Dutra-Pereira, 2023; Tinôco, 2023). Como práticas de resistência, os produtos menores enfrentam o desafio de navegar pelos espaços institucionais, onde muitas vezes as normas acadêmicas exigem que os produtos sejam validados dentro de uma concepção de ciência que busca a objetividade e a neutralidade, algo que Deleuze e Guattari (2012a; 2012b; 2012c) já criticavam como um aparato que limita a expressão e subordina a criação.



Nessa perspectiva, o currículo menor atua como um espaço de passagem para que os produtos menores possam ser reconhecidos como práticas educativas válidas, apesar de sua aparência informal ou de sua suposta falta de rigor científico segundo critérios positivistas. O currículo menor pode ser compreendido como uma abertura para práticas educativas que acolhem a diversidade e a multiplicidade, valorizando a diferença como um princípio criador (Paraíso, 2010). Em vez de impor uma sequência rígida de conteúdos e habilidades a serem alcançadas, o currículo menor permite a criação de agenciamentos (Deleuze; Guattari, 2020), isto é, relações e conexões entre saberes, corpos e subjetividades, que promovem novos sentidos e modos de aprender e ensinar.

Dentro desse contexto, o currículo menor pode ser visto como uma prática curricular que emerge de uma postura ética e política de recusa à homogeneidade. Se caracteriza por ser experimental, provisório e aberto a transformações, permitindo que as práticas pedagógicas sejam continuamente reelaboradas em função das/os sujeitos, de seus contextos e de suas necessidades e, conseqüentemente, com os cotidianos (Oliveira, 2023; Veiga-Neto, 2019). Assim, o currículo menor se configura como um espaço em que os produtos menores podem ser acolhidos e valorizados, em uma lógica de complementaridade e não de competição com os currículos tradicionais.

Ao discutir o produto educacional menor em relação ao currículo menor, propomos formas outras de entender e valorizar as práticas educacionais. Esse movimento nos convoca a romper com estruturas rígidas e com a busca pela uniformidade, aceitando a multiplicidade e a diferença como valores fundamentais. A ideia de um produto menor não é a de uma substituição ou de uma alternativa a todos os modelos existentes, mas sim a de uma prática que complementa, questiona e amplia as possibilidades do fazer educacional, em uma ética que se recusa a silenciar as vozes minoritárias e a homogeneizar as vivências.

Ao produzirmos menoridades, o objetivo deste artigo é, portanto, refletir sobre os produtos educacionais menores nos mestrados profissionais, considerando suas potencialidades formativa e de proposições de melhoria com os cotidianos escolares. A nossa discussão tem como foco não apenas criticar os processos de validação atuais, mas também sugerir alternativas teórico-metodológicas que integrem uma visão mais ampla e processual dos produtos educacionais, orientando-se pela ética e



pela estética do devir. Abordamos a prática pedagógica como uma construção relacional e em constante transformação, um processo que é marcado pelas singularidades dos contextos e pelas interações entre professores/as e alunas/os (Alves, 2017).

A articulação entre o currículo menor e o produto educacional menor aponta para uma concepção de educação voltada à valorização e ampliação das diferenças, entendendo-as não como obstáculos ou anomalias, mas como elementos constitutivos do processo educativo. Essa perspectiva está em sintonia com a pedagogia das diferenças, que busca promover uma educação inclusiva e plural, atenta às subjetividades e aos múltiplos modos de existir (Veiga-Neto, 2002). Ao possibilitar que os produtos educacionais menores ocupem um lugar legítimo no campo educacional, a educação das diferenças abre espaço para que cada sujeito/a encontre seu próprio caminho de expressão, em vez de ser moldado por um currículo que tenta, incessantemente, ajustar todas/os a um mesmo padrão.

Neste sentido, o produto menor não é um produto “menor” em valor ou relevância, mas sim uma prática pedagógica que emerge das relações cotidianas e que se realiza no encontro com as múltiplas realidades e subjetividades das/os atores escolares. Consideramos que a criação de produtos menores pode ser uma resposta aos desafios de uma educação que busca ser inclusiva, afetiva e transformadora, orientada pelas experiências e das subjetividades das/os sujeitas/os que compõem o espaço educativo.

Metodologia

Optamos por uma metodologia cartográfica (Dutra-Pereira; Tinôco (2025); Passos; Kastrup; Escóssia, 2020; Passos; Kastrup; Tedesco, 2016; Dias, 2012, 2011) que valoriza a multiplicidade e a complexidade dos processos de criação e o caráter dinâmico dos produtos. Tal escolha nos permite situar cada produção como um produto menor, inspirado nas concepções de “literatura menor” desenvolvidas por Deleuze e Guattari (2017). Nessa perspectiva, cada produto é uma manifestação singular, que emerge de práticas cotidianas e reflete as especificidades dos contextos e das subjetividades que o compõem, sem pretensão de universalidade ou de fechamento em verdades acabadas.



A cartografia (Dutra-Pereira, 2025) captura o movimento da construção coletiva dos produtos menores, enfatizando as ressonâncias e os efeitos que essas produções provocam. Diferente de uma pesquisa que busca explicar causas e efeitos lineares, a cartografia permite uma leitura dos processos em suas dinâmicas singulares que acompanham as transformações e deslocamentos de cada produção, deixando transparecer as múltiplas influências que constituem cada um dos produtos (Deleuze; Guattari, 2012a).

Nesse sentido, a metodologia cartográfica também dialoga com uma ética de valorização e respeito às diferenças, conforme Veiga-Neto (2002). Assim, em vez de estabelecer padrões e critérios rígidos de validação, permite que cada produto menor seja compreendido a partir de suas singularidades e de suas contribuições para um conhecimento que acolhe, valoriza e amplia as diferenças, os corpos dissidentes e os conhecimentos marginalizados. Essa ética implica um compromisso com a pluralidade, onde cada produto menor é reconhecido não apenas como um resultado, mas como uma prática educativa em si, que visa ampliar as possibilidades de expressão e resistência nos ambientes educacionais.

Os produtos menores estruturam-se como narrativas que destacam as vozes e os corpos dissidentes. Sua descrição metodológica deve incluir as nuances dessas experiências, conectando as/os sujeitas/os a seus contextos, como defendem os estudos dos cotidianos (Alves, 2010; Ferraço, 2007). Assim, cada produto menor será descrito a partir das práticas e dos afetos que o constituem, evitando o distanciamento técnico-científico e valorizando a subjetividade e a corporeidade como componentes fundamentais do processo educativo.

Serão descritos, a seguir, cinco produtos menores produzidos por três professoras e dois professores da Educação Básica, orientadas/os por este autor, estudantes de dois programas de pós-graduação profissionais, situados na região do Nordeste brasileiro, que *praticampensampraticam* em seus cotidianos, nos seus territórios aprendentes, sempre apostando em *devires*. Esses produtos são de autoria coletiva e discutido no coletivo de pesquisa em que conversamos complicadamente (Dutra-Pereira, 2023). Não houve escolha *a priori* uma vez que descrevemos os cinco primeiros produtos menores que estão sendo desenvolvidos nas pesquisas das/os orientandos/as – a quem de antemão, já agradeço a paciência e o companheirismo acadêmico.



Para realizar essa descrição, estabelecemos três eixos *metocartográficos* que guiam a produção, elaboração, publicização e popularização dos produtos menores, quais sejam: - a perspectiva cartográfica; - a ética do compromisso; e - as práticas narrativas.

1. Perspectiva Cartográfica e Ressonâncias Coletivas

O primeiro eixo envolve a perspectiva cartográfica, que compreende os produtos menores como espaços de experimentação contínua e de ressonâncias coletivas. Inspirando-se em Deleuze e Guattari (2017; 1998), essa perspectiva entende cada produto menor como um conjunto de práticas que geram efeitos em diferentes contextos. A cartografia aqui não é linear, mas rizomática; ela permite que se observem os “afetos” e as “potências” que emergem nos encontros que se desdobram ao longo do processo de construção de cada produto (Passos; Kastrup; Escóssia, 2020; Passos; Kastrup; Tedesco, 2016). Dessa forma, o foco está menos em uma análise estruturada e mais em acompanhar as interações e os movimentos que constituem esses produtos, sempre atentos às especificidades de cada criação.

2. Ética do Compromisso e Valorização das Diferenças

O segundo eixo é fundamentado por uma ética que valoriza a inclusão e o respeito às diferenças, reconhecendo a pluriculturalidade de vivências desses produtos menores. Nesse contexto, a metodologia se afasta de uma concepção positivista de validade científica, que tende a critérios de objetividade e neutralidade (Veiga-Neto, 2002). Em vez disso, cada produto menor é descrito como uma expressão legítima de corpos diversos, compreendidos em suas trajetórias específicas e em suas contribuições para um ambiente acadêmico mais pluricultural. Esta ética é especialmente relevante na produção dos produtos menores, nas suas potencialidades e agenciamentos, pois questionam normas de inclusão e acessibilidade nos espaços educacionais – onde, de acordo com Tinôco (2024), alguns corpos e outros modos de viver à vida são esquecidos dentro deste campo de acessar e incluir – , defendendo políticas que promovam às diferenças, as diversidades e as permanências.



3. Práticas Narrativas e a Centralidade dos Corpos Dissidentes

Por fim, o terceiro eixo abarca as práticas narrativas que privilegiam as experiências e as histórias das/os sujeitas/os envolvidas/os. Inspirando-se na pedagogia das diferenças, colocamos o corpo como um elemento central na construção das descrições, reconhecendo as subjetividades e os afetos como componentes essenciais da produção do conhecimento (Paraíso, 2010). A partir dessa perspectiva, os produtos são descritos considerando os processos e os encontros vividos pelas/os criadoras/es e pelo público-alvo. Ao incluir as histórias e as experiências das pessoas envolvidas, evitamos reduções teóricas e damos espaço para uma expressão que seja não só educativa, mas também afetiva e relacional.

Em suma, a proposta para descrever os produtos menores se configura como uma prática de acolhimento e valorização das multiplicidades, sem a pretensão de definir “verdades” ou de fixar significados. Cada produto menor é aqui tratado como uma forma de expressão e resistência que amplifica as vozes dos sujeitos, celebrando a diversidade de identidades e saberes. Ao final, destacamos que esses produtos são resultados em movimento, cujas ressonâncias e potencialidades continuarão a ser construídas com os cotidianos (Ferraço, 2017; Ferraço; Dutra-Pereira, 2024).

Resultados e Discussão

Os produtos educacionais menores baseiam-se em princípios de experimentação, sensibilidade e resistência à normatividade. Diferente do produto tradicional, que visa uma aplicabilidade objetiva, o produto menor não somente assume a perspectiva de desenvolvimento nos espaços aprendentes (Dutra-Pereira, 2019), como também, incorpora a afetividade, a criatividade e a possibilidade de inventividade *nosdoscum* os cotidianos (Oliveira, 2023).

Importante destacar que o produto educacional menor, alinhado ao currículo menor, não é pensado como uma substituição dos produtos tradicionais, mas como uma contribuição adicional que enriquece a prática pedagógica. O currículo menor, com sua abertura para a experimentação e a criação de significados individuais e coletivos, possibilita que os produtos menores ocupem um espaço legítimo nos programas de formação profissional, oferecendo alternativas pedagógicas que dialoguem diretamente com os sujeitos e suas necessidades. Nesse sentido, o



produto menor deve ser entendido como uma intervenção que amplia o campo de possibilidades pedagógicas, contribuindo para o desenvolvimento de uma educação inclusiva e plural.

Por exemplo, um projeto de narrativas digitais que permita aos/às estudantes expressarem suas experiências e identidades, utilizando plataformas digitais de fácil acesso, representa um tipo de produto menor. Esse tipo de iniciativa não tem como foco a transmissão de um conhecimento formalizado e normatizado, mas a criação de um espaço onde as vozes e histórias dos sujeitos possam emergir e conectar-se ao currículo de forma significativa e inclusiva (Deleuze; Guattari, 2011a, 2012c).

Os produtos menores descritos abaixo se constituem como experimentações que se movem fora da norma, explorando narrativas e práticas que buscam inclusão, reconhecimento e valorização da diversidade. São produtos que estão sempre em desenvolvimento, portanto, passíveis de leituras outras. Sem ambição de estabelecer verdades ou de submeter-se a critérios de validação rigorosos, cada produto representa uma forma de intervenção nos cotidianos educativos, propondo alternativas sensíveis e comprometidas com a ampliação de possibilidades pedagógicas e sociais.

1. Encarte Digital de Corpos Dissidentes com Deficiência

Descrição: Este encarte digital é uma plataforma online que reúne narrativas e registros visuais sobre gênero e sexualidade, abordados a partir das redes sociais. Este encarte documenta corpos dissidentes e dá voz a suas histórias, explorando a relação entre tecnologia, identidade e expressão.

Construção e Curadoria: O conteúdo é selecionado por uma curadoria afetiva e participativa, com contribuições de pessoas que compartilham suas experiências em espaços digitais. A curadoria privilegia materiais que evidenciem as especificidades e os desafios dos corpos dissidentes nas redes sociais, utilizando filtros que destacam narrativas vulneráveis e desafiadoras.

Compromisso Ético e Ressonâncias: Em sua construção, o encarte digital não busca a neutralidade, mas assume uma postura de apoio e reconhecimento dos corpos e vivências marginalizadas. A plataforma é pensada como uma forma de resistência, onde as histórias dos corpos dissidentes com deficiência encontram espaço para existir e para serem compartilhadas.



2. Álbum de Músicas da Afro-Astronomia em Delírio

Descrição: Este álbum traz músicas inspiradas pela afro-astronomia, com influência da capoeira angolana, unindo elementos históricos e culturais da diáspora africana em uma criação musical que evoca ancestralidade e resistência com os Povos Dogons e a vida de uma sertaneja que sonha em ser astronauta.

Processo de Criação e Coletividade: A construção do álbum se deu em processos colaborativos com estudantes do mestrado, coletivo de pesquisa COM-FABULAÇÕES e estudantes da Educação Básica, a partir de experiências com mestres de capoeira e outras/os artistas, gerando uma sonoridade que conecta ciência, espiritualidade e tradição. Cada faixa representa uma “estrela” ou elemento da cosmogonia afro-brasileira.

Ética da Ancestralidade e da Diversidade: Ao utilizar a capoeira angolana como forma de expressão, o álbum respeita e valoriza as tradições e histórias de resistência dos povos afro-brasileiros. Sua criação é um ato de resgate e de afirmação identitária, que celebra a diversidade cultural e científica.

3. Catálogo de Políticas Curriculares para Corpos que Gestam nas Universidades

Descrição: Este catálogo apresenta políticas curriculares e estratégias de apoio a estudantes e profissionais que enfrentam desafios relacionados à gestação e à maternidade no ambiente universitário, defendendo a inclusão desses corpos e suas demandas específicas.

Estrutura e Organização: O catálogo é composto por relatos, orientações e propostas de políticas que promovam a permanência e o suporte a gestantes, parturientes e mães nas universidades. Em vez de apenas listar diretrizes, inclui experiências pessoais e sugestões práticas para que o ambiente acadêmico se torne mais acolhedor e flexível.

Compromisso com a Inclusão e a Equidade: A proposta é não apenas normatizar a presença de corpos que gestam, mas legitimar suas experiências e promover um ambiente educacional inclusivo. Ao documentar essas políticas, o catálogo visa construir uma base para que gestantes, parturientes e mães sejam reconhecidas e respeitadas em suas necessidades e direitos.



4. **Playlist de Músicas de artistas Queers**

Descrição: Esta *playlist* reúne músicas de artistas *queer* que abordam temas relacionados às suas vivências, experiências e histórias pessoais. A *playlist* serve como um espaço de expressão e conexão para aquelas/es que, através da arte, compartilham suas lutas e celebrações, bem como a resistência para a sobrevivência de pessoas queers em tempos de neoconservadorismo.

Seleção e Organização de Conteúdos: As músicas foram escolhidas com base em critérios que valorizam a expressão artística *queer*, enfatizando letras que dialogam com experiências pessoais e coletivas das/os artistas. Cada música é acompanhada por uma breve descrição que contextualiza sua importância, bem como relaciona com as marcas das histórias de vidas de pessoas *queers*. Assim, construiremos a *playlist* dançante-informante, onde se aproxima a arte e as escritas de si.

Compromisso com a Diversidade e a Representatividade: Ao valorizar as narrativas *queer*, esta *playlist* propõe uma reapropriação da arte e da expressão musical como formas de resistência. Ela também se configura como um espaço de acolhimento para ouvintes *queer*, que encontram em cada música uma forma de identificação e celebração de suas vivências.

5. **Química Quebrando Tabus**

Descrição: Esta iniciativa utiliza o Instagram para criar diálogos sobre educação sexual sob uma perspectiva química e social, abordando temas sensíveis como identidade de gênero, saúde sexual e diferenças.

Estratégias de Comunicação e Alcance: As publicações são criadas com uma linguagem acessível e visualmente atrativa, usando infográficos, vídeos e enquetes para promover a participação e a troca de experiências. O conteúdo é planejado para quebrar tabus, desmistificar preconceitos e divulgar informações sobre temas frequentemente marginalizados, sobretudo quando diz respeito a química e os corpos LGBTTQIAPN+.

Compromisso com a Educação e a Inclusão Social: O perfil assume uma postura educativa e acolhedora, buscando envolver o público em discussões que desafiem preconceitos e promovam a conscientização. A química, tradicionalmente



vista como uma disciplina rígida, é apresentada de forma inclusiva e conectada às questões sociais, aproximando-se da realidade das/os seguidoras/es.

Ao descrever esses produtos educacionais menores, destacamos a sua importância como intervenções significativas no cenário da Educação Básica e da formação continuada de docentes. Cada um desses produtos é uma manifestação que desafia e expande as fronteiras do currículo, por isso o currículo menor com produtos educacionais menores, ao abordar questões sociais e culturais marginalizadas, trazendo para o ambiente educativo perspectivas e conhecimentos que historicamente têm sido subjugados ou ignorados. Isso ressoa com a proposta de um currículo menor, pensado a partir de Deleuze e Guattari (2017; 2010), no qual a multiplicidade, a diferença e as vozes minoritárias não apenas são incluídas, mas centralizadas na construção de novos significados pedagógicos.

O Encarte Digital de Corpos Dissidentes propõe uma inovação para a educação básica ao conectar estudantes e professores/as com narrativas e representações de gênero e sexualidade dissidente. A educação básica, muitas vezes marcada por currículos que evitam temas sensíveis ou controversos, pode se beneficiar da inclusão de narrativas que dialogam com as realidades dos jovens e suas vivências nas redes sociais. Este encarte explora as potencialidades das redes sociais como um espaço de resistência e autoafirmação para corpos dissidentes, sobretudo àqueles que são taxados enquanto deficientes. A curadoria afetiva e participativa do encarte, que coleta e organiza experiências compartilhadas, rompe com a tradicional neutralidade dos registros históricos e científicos.

Seguindo a visão de Michel Foucault sobre o poder das narrativas, podemos observar que esse encarte digital desafia a hegemonia da norma ao dar espaço para vozes marginalizadas (Foucault, 2021). Em um contexto de formação de professoras/es, o produto oferece um recurso pedagógico valioso que permite aos/às docentes sensibilizar estudantes para as complexas questões de gênero e sexualidade, promovendo um currículo que valorize a diversidade humana.

Silva (2007) discute que a formação humana e a construção de subjetividades são temas fundamentais na educação contemporânea, mas que frequentemente se perdem em currículos que não acolhem as pluriculturalidades. Este encarte digital age como um possível de empoderamento, permitindo que estudantes e professoras/es dialoguem sobre diferenças e expressão de forma segura e informada. O produto



desafia a normatividade ao mesmo tempo que promove o respeito e a visibilidade de corpos e histórias marginalizadas e que resistem nas redes tidas como sociais.

Neste sentido, o álbum de músicas da afro-astronomia em delírio inspirado pela afro-astronomia e capoeira angolana colabora para a defesa de currículo de ciências menor, especialmente na astronomia, ao trazer a cosmogonia afro-brasileira como tema de estudo. Em vez de uma perspectiva científica eurocentrada, a introdução de um produto que valoriza saberes ancestrais negros/os permite a produção de um currículo que reconhece e respeita as diversidades epistemológicas.

Este produto menor apresenta e assume a interdisciplinaridade, interculturalidade e pluriculturalidade, entrelaçando ciência, música e ancestralidade afro-brasileira. Este álbum transcende a educação formal ao incorporar a capoeira angolana como uma possibilidade de ensino da astronomia, revelando o potencial de metodologias culturais para a Educação Científica.

Inspirado na perspectiva de hooks (2017) sobre uma pedagogia engajada, o álbum utiliza a cultura popular e a espiritualidade para conectar o aprendizado científico nos/dos/com os cotidianos das/os estudantes. Essa prática questiona o conceito de ciência como um campo exclusivo e elitista e promove a ideia de uma ciência que dialoga com diferentes cosmovisões, enriquecendo o currículo escolar com narrativas científicas e culturais diversas, favorecendo uma *afroastroepistemologia*.

Argumentamos, a partir de autores/as de/des/contra-coloniais (Santos; Pereira, 2023; Carneiro, 2023; Hartman, 2022; Gonzalez, 2020; Lorde, 2010) e anti-*cisheteronormativos* (Dutra-Pereira; Tinôco, 2025; Nascimento, 2021; York, 2020), que o reconhecimento de epistemologias pluriculturais é essencial para uma educação que pretenda ser democrática e inclusiva. Para os/as docentes da Educação Básica, este álbum serve como ponto de partida para discussões sobre ciência e ancestralidade, abordando temas científicos a partir de uma perspectiva culturalmente significativa, por isso sua chamada de afro-astronomia. A integração de elementos como a capoeira angolana fortalece ainda mais o elo entre ciência e cultura, evidenciando que o conhecimento científico pode e deve dialogar com as realidades culturais das/os estudantes.

Considerando a pluriculturalidade na/com as universidades, o Catálogo de Políticas Curriculares para Corpos que Gestam propõe uma abordagem essencial



para a inclusão de indivíduos que, por sua condição de gestantes e parturientes, enfrentam obstáculos específicos no ambiente acadêmico. A partir das experiências e políticas documentadas, o catálogo questiona a adequação dos ambientes educacionais para a diversidade corporal e para as demandas sociais específicas de estudantes que são mães ou gestantes. Esse produto destaca-se ao desafiar a homogeneidade instituída pelo currículo tradicional, promovendo um currículo que é sensível e adaptável às realidades dos corpos que o habitam.

Este produto, nas *universidadescolas*, exemplifica uma discussão urgente sobre a inclusão de corpos marginalizados no espaço acadêmico – neste caso, especificamente corpos que gestam e parturientes. Ao organizar diretrizes e experiências de estudantes e profissionais que gestam, o catálogo desafia o modelo de currículo universal e homogeneizador, propondo políticas que respondem a realidades diversas.

Produzir um produto educacional menor com esta iniciativa reforça a importância de políticas curriculares que respondam às necessidades e singularidades dos corpos presentes na educação, em consonância com a ideia de pedagogia da diferença (Skliar, 2003). Além de ampliar as possibilidades para docentes que vivenciam a gestação, o catálogo oferece aos/às professoras/es em formação um modelo para pensar em currículos inclusivos que se adaptem às realidades de todos os estudantes, promovendo justiça social, justiça gestacional, e uma educação verdadeiramente democrática e acolhedora.

Conforme Butler (2020), os corpos em suas múltiplas expressões são fundamentais para o entendimento das dinâmicas de poder e exclusão, e esse catálogo contribui para que a Educação Básica e as universidades e/ou outros espaços aprendentes (Dutra-Pereira, 2019) reconheçam as necessidades e direitos de seus participantes. Ao aplicar essas políticas no contexto universitário, essa iniciativa promove discussões importantes sobre inclusão e apoio, elementos que podem ser trabalhados e replicados em diversos contextos educacionais, inclusive na educação básica.

Caminhando nesta inclusão e em outros elementos, a *playlist* de músicas *queer*, de/com/por artistas *queers*, atravessados/as/es por suas histórias de vida, introduz uma nova possibilidade pedagógica ao oferecer uma coleção de narrativas e experiências de vida das/os artistas, criando uma conexão emocional e de valorização



das diferenças para estudantes LGBTTTQIAPNb+ e permitindo que seus/suas professores/a ampliem suas perspectivas sobre diversidade sexual e de gênerosexualidade (Dutra-Pereira; Tinôco, 2025). Na Educação Básica, a música pode atuar como uma ato de autoexpressão, capaz de criar uma ponte entre o currículo menor e as vivências das/os estudantes.

Tal produto, divulgado em plataformas gratuitas e de fácil acesso, atua como um canal de expressão e visibilidade para experiências *queer* na música, propondo uma reapropriação de espaços culturais para expressões de *gênerosexualidade* das juventudes *nômaesdissidentes* (Dutra-Pereira; Tinôco, 2025). A *playlist* valoriza a produção artística de artistas *queer*, ampliando as representações culturais disponíveis para as/os estudantes.

Defendemos a produção deste produto, uma vez que oportunizará agenciamentos na educação que valorizará às diferenças e, sobretudo, os corpos dissidentes *queers*. Tal perspectiva pode ser mobilizada para ampliar, valorizar e apresentar a importância desse tipo de iniciativa no currículo menor. A presença de músicas que abordam experiências pessoais *queer* permite que as/os docentes da desafiem normativas de gênero e promovam debates necessários no ambiente escolar, que está repleto de corpos LGBTTTQIAPNb+ e o currículo tende a negar.

Dutra-Pereira e Tinôco (2025) discutem como o currículo pode incorporar questões de *gênerosexualidades* de juventudes *nômaesdissidentes* para que a escola se torne um espaço inclusivo para todos os corpos que ousam resistir e existir naquele espaço. Essa *playlist* pode ser vista como um ponto de partida para abrir discussões sobre os desafios e as vitórias da população *queer*, incentivando uma educação mais acolhedora e que valoriza as diferenças.

Neste caminho, o produto menor “Química Quebrando Tabus”, ao abordar temas de Educação Sexual é um exemplo notável de como a ciência pode dialogar diretamente com as questões sociais e pluriculturais. Em um ambiente como o da educação básica, onde frequentemente a educação sexual é limitada ou inexistente, a proposta de trazer esses temas via *Instagram* – um espaço já integrado ao cotidiano das/os *juventudesnômaes* dissidentes (Dutra-Pereira; Tinôco, 2025) – potencializa o alcance e a eficácia desse tipo de conhecimento.

Este produto educacional menor representa uma inovação importante ao tratar a educação sexual não apenas como um tema biológico, mas também como um



fenômeno social e pluricultural. Além disso, seu currículo menor também é possível quando há um acesso às informações em outras linguagens, a exemplo de um perfil educativo no Instagram. Ao se basear em uma plataforma acessível e popular entre os jovens, essa iniciativa explora a potencialidade das redes sociais – sobretudo ao alcance que as informações científicas-pluriculturais-sociais podem ter.

Para a formação continuada de professores, esse produto oferece um exemplo de como práticas pedagógicas podem se adaptar aos meios de comunicação contemporâneos, oferecendo novas possibilidades para que os/as professores/as se conectem com a realidade das/os estudantes e incentivem uma visão ampliada da ciência e da sexualidade.

Fontes, Dutra-Pereira e Bortolai (2022) ressaltam que a educação sexual deve ir além da informação biológica e incluir discussões sobre identidade e sociedade. Este produto educacional menor representa uma quebra dos paradigmas tradicionais da Educação Química, ao conectar o conteúdo científico com as realidades e desafios sociais, promovendo uma educação inclusiva.

A análise desses produtos educacionais menores, muito embora sejam cinco, mas abre trilhas, tal qual o rizoma, para que outros possam surgir, potencializa a sua relevância como propostas que promovem uma visão mais inclusiva e diversa para o currículo, tanto na educação básica quanto na formação continuada de docentes. Ao desafiar as práticas curriculares tradicionais, esses produtos menores apontam para uma pedagogia das diferenças (Veiga-Neto, 2002), na qual o acolhimento e a valorização das experiências singulares das/os sujeitas/os são colocados no centro das práticas pedagógicas.

Na formação de docentes em nossos mestrados profissionais, esses produtos menores podem inspirar educadores/as a considerar outras formas de conhecimento e de expressão, valorizando os saberes locais e as vivências de seus/suas alunos/as. Assumimos, a partir de Oliveira (2024) que

[...] que os mestrados profissionais oferecem um espaço privilegiado para desorganizar as caixinhas e, a despeito de posicionamentos político-epistêmicos que se inclinam para a decolonialidade ou para a desconstrução, ainda reiteram binarismos e insistem na produção de conhecimento sobre a escola, sem a construção com a comunidade escolar e tomando-a como objeto de estudo (Oliveira, 2024, p. 244).

Ao propormos currículos menores e produtos menores, não estamos sugerindo uma simples substituição dos modelos tradicionais, mas sim uma ampliação de



possibilidades pedagógicas que dialogam com as realidades sociais e experiência pluriculturais das/os alunas/os. A valorização desses produtos menores nos convida a repensar a educação como um campo aberto a múltiplas epistemologias e a práticas que respeitem as singularidades, reforçando a importância de uma educação democrática e inclusiva.

Na análise dos produtos menores desenvolvidos, exploramos suas contribuições para a educação básica e as possíveis transformações curriculares que esses produtos podem engendrar – como estão em fase de aprimoramento, convidamos para que procurem posteriormente tais produtos que serão disponibilizados no site do Com-Fabulações (2025). Em cada produto, identificamos práticas que dialogam com a valorização das diferenças, buscando subverter currículos normativos e enriquecer a formação continuada dos docentes.

Cada um desses produtos criam currículos menores que respeitam a multiplicidade das experiências humanas. Ao desafiar currículos prescritivos e universalistas, esses produtos ampliam o alcance e o impacto da educação, oferecendo recursos inovadores para a formação de docentes sensíveis à diversidade e abertos à construção de saberes pluriculturais e inclusivos (Carmo; Barreto; Soares, 2024).

Desse modo, a articulação entre o currículo menor e o produto educacional menor nos programas de formação, à nível de mestrado profissional, configura uma possibilidade de inovação e outros agenciamentos sobre os valores e normas que regem a prática educativa. Ao adotar uma postura de valorização das diferenças podemos construir uma formação que transcenda a lógica da reprodução e normatização, incentivando o respeito, a diversidade, o engajamento e a inclusão.

Assim, o currículo e o produto menor não representam uma renúncia à ciência ou ao conhecimento formal, mas uma reivindicação por uma prática educativa que seja sensível às múltiplas realidades e às subjetividades que constituem o espaço educativo. Em última análise, a proposta aqui discutida defende uma formação docente comprometida com a criação de ambientes pedagógicos onde todas/es/os possam se sentir representados/as e respeitadas/os, promovendo uma educação pautada na inclusão e no reconhecimento e valorização das diferenças.



Considerações finais

Este artigo buscou refletir sobre a relevância e as contribuições dos produtos educacionais menores para a Educação Científica e a formação continuada de professores/as. A proposta de um produto menor desafia as normas tradicionais de validação e utilidade científica, reivindicando o espaço da diferença, da pluralidade e das vivências não normativas. Esse percurso reflete uma educação que não busca apenas resultados finais padronizados, mas que valoriza processos criativos, afetivos e significativos, conectados com a realidade social e cultural das/os educandas/os.

Os produtos educacionais menores descritos oferecem possibilidades e potencialidades para reimaginar currículos menores. Cada um desses produtos representam uma intervenção pluricultural, inventiva e criativa que visa não só abordar temas sub-representados nos currículos, mas também provocar uma abertura curricular que contemple realidades, além da valorização e ampliação das diferenças. Ao promover currículos menores, esses produtos nos convidam a pensar sobre a flexibilidade necessária para construir uma educação que não apenas tolere, mas celebre as diferenças.

Num momento crítico para a Educação, que se baseia na padronização e na homogeneização dos saberes (Albino; Rodrigues; Dutra-Pereira, 2024), o conceito de produto menor abre um campo de possibilidades para currículos que dialoguem com os cotidianos e com as singularidades de cada contexto. Essa perspectiva vai ao encontro da ideia de uma pedagogia da diferença, onde o objetivo não é encaixar o sujeito em um molde único, mas reconhecer e respeitar suas particularidades, sejam elas de ordem pluricultural, social ou corporal.

Na Educação Básica, num contexto desafiador de políticas curriculares, os produtos menores assumem e reivindicam um papel e espaço importante, pois possibilitam e potencializam que as/os estudantes se identifiquem com os diferentes conteúdos e vejam suas histórias e experiências refletidas naquilo que aprendem.

Os produtos menores têm potencialidades na formação continuada de professores/as, pois oferecem possibilidades *prácticasteóricas*, para que as/os docentes ampliem sua compreensão sobre as diferenças e sobre a necessidade de currículos menores. E, não somente por isso, mas também por isso mesmo, são sim

produtos pedagógicos – contrariando uma avaliação questionável, durante uma fala da professora, numa turma de seminários temáticos.

Esses produtos desafiam a visão linear e rígida dos currículos tradicionais e apresentam alternativas para a construção de ambientes de aprendizagem mais inclusivos e afetivos, como sugere Deleuze e Guattari (2011a; 2011b, 2012c). A formação de professores/as, quando atravessada por esses produtos, deixa de ser apenas um treinamento técnico e se torna uma prática de escuta, de engajamento com o/a outro/a e de abertura para novas possibilidades pedagógicas.

Nesse sentido, os produtos menores nos ajudam a imaginar currículos que não sejam apenas transmissões de saberes codificados, mas espaços de encontro e transformação. É no encontro com o outro e com a alteridade que podemos desconstruir estruturas rígidas e preconceituosas, substituindo-as por práticas que respeitam e valorizam a multiplicidade das vivências humanas. Esses produtos não apenas desafiam o que é considerado válido ou científico, mas também o que é visto como digno de ser ensinado e compartilhado. Longe de ser neutra, propomos uma ciência que reconhece seu compromisso com as questões éticas, estéticas, poéticas e políticas da sociedade e se coloca como uma prática de inclusão e empoderamento.

Por fim, os produtos menores representam não apenas uma contribuição metodológica para a prática educacional, mas também uma ética de compromisso com o respeito e a valorização da diferença. Lembramos que a educação não deve ser um processo de eliminação das singularidades, mas sim de potencialização das múltiplas vozes que compõem o espaço escolar e universitário. Ao propor uma abertura curricular, defendemos uma educação que não tema as complexidades e as contradições das realidades humanas, mas que as acolha como parte fundamental do processo de formação. Assim, encorajamos a continuidade e a ampliação dessas experiências de currículos menores, para que cada vez mais produtos menores possam existir e transformar o modo como fazemos e pensamos a educação em cursos de pós-graduações profissionais.

Reafirmamos o valor de uma educação comprometida com o pluralismo e a equidade, onde produtos menores deixam de ser um desvio e passam a ser um caminho legítimo e necessário. Ao nos aproximarmos de práticas pedagógicas que valorizam a diferença, damos um passo em direção a uma educação mais humana e solidária, alinhada com a ideia de que o aprendizado só é transformador quando nos



faz enxergar o outro com o outro e o mundo sob novas perspectivas. Que produto menor para currículos menores apostaremos a partir de agora? Eis a nossa aposta para os programas de pós-graduação profissionais (menores?).

Referências

ALBINO, A. C. A.; ARAÚJO, R. P. A. Ser ou não ser um currículo? Contestações em torno da definição (anti)democrática da base nacional comum curricular.

Linguagens, Educação e Sociedade, Teresina, n. 41, p. 243–272, 2019.

Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1123>.

Acesso em: 10 nov. 2024.

ALBINO, A. C. A.; RODRIGUES, A. C. S.; DUTRA-PEREIRA, F. K. A formação docente em disputa política: as persistentes apostas curriculares neopragmatistas e neoconservadoras. **Educação & Formação**, Fortaleza, v. 9, p. e14103, 2024.

Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/14103>. Acesso em: 26 jan. 2025.

ALVES, N. Formação de docentes e currículos para além da resistência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 71, 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/qcCz9xPVpV5gb6dWSwSfYSg/?lang=pt&format=pdf>.

Acesso em: 10 nov. 2024.

ALVES, N. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195 – 1212, 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/mJZwtkYBWLNGDgyRZGVbSwF/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 10 nov. 2024.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 20. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

COM-FABULAÇÕES. **Ateliê de pesquisas inventivas em Educação**. 2025.

Disponível em: <https://www.ufpb.br/comfabulacoes/> Acesso em: 26 jan. 2025.

CARMO, R. G.; BARRETO, D. A. B.; SOARES, C. V. C. de O. Índícios tecnológicos e práticas nos cotidianos complexos e multirreferenciais da escola pública. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, v. 10, e226224, 2024. Disponível em:

<https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/2262>.

Acesso em: 26 jan. 2025.

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CORAZZA, S. O docente da diferença. **Periferia**, Duque de Caxias, v. 1, n. 1, 2012.

Disponível em: <https://www.e->

publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/3422/2348. Acesso em: 10 nov. 2024.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** 3. ed., São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. (vol. I). 2. ed., Rio de Janeiro: Editora 34, 2011a.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. (vol. II). 2. ed., Rio de Janeiro: Editora 34, 2011b.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. (vol. III). 2. ed., São Paulo: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** (vol. IV). 2. ed., São Paulo: Editora 34, 2012b.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. (vol. V). 2. ed., São Paulo: Editora 34, 2012c.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Lógica do sentido**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2020.

DIAS, R. O. (org.). **Deslocamentos na formação de professores: aprendizagem de adultos, experiência e políticas cognitivas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

DIAS, R. O. (org.). **Formação inventiva de professores**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

DUTRA-PEREIRA, F. K. **Aventuras do contar(se): narrativas da formação de professores de Química à distância**. 2019. 198 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática) - Centro de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/27960>. Acesso em: 27 jan. 2025.

DUTRA-PEREIRA, F. K. Conversas complicadas no Ensino de Química: manifesto por um currículo [Marielle] “Franco”. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**,

Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, 2023. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/riae/article/view/73679/47948>. Acesso em: 10 nov. 2024.

DUTRA-PEREIRA, F. K.; TINÔCO, S. “Eu vou falar de nós ganhando...”: confabulando outros currículos vividas para juventudes LGBTTIAPNB+ nômades dissidentes em gênero sexualidades à flor da pele. **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 18, n. 1, 2025. (no prelo).

FERRAÇO, C. E. Currículo-docência-menor e pesquisas com os cotidianos escolares: sobre possibilidades de escapes frente aos mecanismos de controle do Estado. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, Sorocaba, v. 19, n. 3, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/3152>. Acesso em: 10 nov. 2024.

FERRAÇO, C. E. Pesquisa com o cotidiano. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 98, p. 73-95, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/syPBCCTQ76zF6yTDmPxd4sG/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

FERRAÇO, C. E.; DUTRA-PEREIRA, F. K. Signos artísticos e cotidianos escolares: por outros possíveis de currículo. In: RODRIGUES, A. C. S. (coord.). “Sem lei nem rei, me vi arremessado”: por outros possíveis de currículo. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 41., 2023, Manaus. **Anais [...]**, Manaus. Disponível em: <https://anais.anped.org.br/p/41reuniao/trabalhos>. Acesso em: 10 nov. 2024.

FONTES, M. S.; DUTRA-PEREIRA, F. K.; BORTOLAI, M. “Satisfação, necessidade e desejo”: conversas com corpos desejantes sobre sexualidade na Educação em Ciências. **Revista Areté | Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 17, n. 31, p. e22001, 2022. Disponível em: <https://formularios.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/3635>. Acesso em: 26 jan. 2025.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 3. ed., São Paulo: Paz & Terra, 2021.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GURGEL, E.; MAKNAMARA, M.; CHAVES, S. Entre um “currículo-obsceno” e um “currículo-louco”: composições de um “currículo-menor”. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 59, n. 62, e-26701, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/26701>. Acesso em: 10 nov. 2024.

HARTMAN, S. **Vidas Rebeldes, Belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais**. São Paulo: Fósforo, 2022.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2. ed., São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LORDE, A. **Irmã Outsider**: ensaios e conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

NASCIMENTO, L. **Transfeminismo**. Editora Jandaíra, 2021.

OLIVEIRA; I. B. **Pesquisando com os cotidianos**: uma trajetória em processo. Petrópolis: DP et Alii, 2023.

OLIVEIRA, I. V. Modos de aprontar na academia: escrituras e fabulações curriculares. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 29, n. 65, p. 219-240, 2024. Disponível em: link. Acesso em: 10 nov. 2024.

PARAÍSO, M. Diferença no Currículo. **Cadernos de Pesquisa**, [S. l.], v. 40, n. 140, p. 587-604, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/MnrBfYmbrZ4zfVqD3C5qkYp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2024.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2020.
PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum. Porto Alegre: Sulina, 2016.

RIZZATTI, I. M.; RÔÇAS, G. Neste novo tempo: reflexões e ações para e sobre a Educação Básica. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, v. 9, n. jan./dez., p. e217823, 2023. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/2178>. Acesso em: 26 jan. 2025.

SANTOS, A. B.; PEREIRA, S. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu; Piseagrama, 2023.

SHAKESPEARE, W. **Hamlet**. Jandira: Pincipis, 2021.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí?. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

TINÔCO, S. Carta Pedagógica por uma Ciência com poesia. In: COSTA, E. M. M. D. *et al.* (org.). **"Eu estava com saudade de te conhecer"**: travessias da experiência pedagógica na Brinquedoteca "O Grãozinho". Formiga: MultiAtual, 2023.

TINÔCO, S. "Tudo é divino, maravilhoso"? Desigualdades, diferenças e barbárie nas práticas de inclusão escolar. In: SILVA, L. L.; ARAÚJO, R. P. A.; SANTOS, J. B. (org.). **A educação brasileira no contexto pandêmico**: desafios e perspectivas. Campina Grande: EDUFCG, 2024.

VEIGA-NETO, A. De geometrias, currículo e diferenças. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 79, 2002. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/es/a/t4HbTMmJ4tHrJMV8xNQXMvm/abstract/?lang=pt>.
Acesso em: 10 nov. 2024.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

YORK, S. W. **Tia, você é homem? Trans da/na educação**: des(a)fiando e ocupando os “cistemas” de Pós-Graduação. 2020. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em:
<https://www.bdttd.uerj.br:8443/bitstream/1/16716/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Sara%20Wagner%20York%20-%202020%20%20Completa.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

Recebido: 10/11/2024

Aprovado: 28/01/2025

Publicado: 31/01/2025

Como citar (ABNT): DUTRA-PEREIRA, F. K. Ser ou não ser um produto? Eis a questão!: por outros produtos educacionais e currículos menores pluriculturais. **Educitec-Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, v. 11, e258925, 2025.

Contribuição de autoria:

Franklin Kaic Dutra-Pereira: Conceituação, curadoria de dados, metodologia, validação, escrita (rascunho original) e escrita (revisão e edição).

Editor responsável: Iandra Maria Weirich da Silva Coelho

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

